



Estágio curricular e residência pedagógica: desenvolvimento motor e questão de gênero nas aulas de Ballet e Educação Física ofertados para turmas de Educação Infantil

Antônio Valdir Monteiro Duarte (Docente Orientador- RP/2020)

Ian Felipe Ferreira Perna (Residente- RP/2020)

Fabício de Oliveira Santana (Residente-RP/2020)

Introdução

O Programa Residência Pedagógica desenvolvido no Campus Universitário de Castanhal, junto a Faculdade de Educação Física e Pedagogia, tem como objetivo fortalecer o diálogo e desenvolver experiências entre os discentes destes cursos de graduação/licenciatura e a escola que atende a Educação Básica, tendo como foco a Educação Infantil e o Ensino Fundamental – 1º e 2º Anos, configurando-se como o Núcleo de Alfabetização. As experiências apresentadas neste texto estabelecem um diálogo entre os estudos desenvolvidos no Residência Pedagógica e as vivências do Estágio Curricular Supervisionado I, que de acordo com Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal, destina-se a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O objeto de análise se revela durante as aulas de Educação Física, especificamente durante a aplicação do conteúdo Dança, especificamente nas aulas de ballet, em uma escola da rede particular do município de Castanhal, localizado na região Nordeste do Estado do Pará. No olhar de discentes, participantes do primeiro estagiário curricular, observamos alguns aspectos interessantes



daquelas aulas, primeiro por se tratar de um conteúdo pouco trabalhado em aulas de Educação e, à medida que aulas se desenvolviam, surgiam temas como aspecto motor, questão de gênero, entre outros que se evidenciavam. Assim, frente a estas observações, apresentamos a seguinte questão para responder: como, nas aulas de Educação Física, o conteúdo dança/ballet é aplicado e quais possibilidades temáticas são apresentadas diante dos discentes de Educação Infantil?

Objetivos

Diante da questão problema apresentada, caminhamos no sentido de organizar o texto frente às possibilidades de alcance deste relato, tentando especificar os campos temáticos que poderiam ser apresentados diante, certamente, de uma infinidade de nuances temáticas transversalizadas que nos foram apresentadas nas aulas, durante o Estágio Curricular I. No entanto, para avançar na escrita, como objetivo analisar o conteúdo ballet aplicado para uma turma de Educação Infantil e sua relação com aspectos motores das crianças.

Procedimentos metodológicos

O estudo em questão está organizado em forma de um relato de experiência, caracterizando como descritivo e qualitativo que, segundo Selltiz *et. al.* (1965), tenta descrever uma situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, as características de um indivíduo, uma situação ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos. A coleta de dados se deu a partir da observação realizada primordialmente durante as aulas de Educação Física em turmas de Educação Infantil com faixa etária entre



3 e 5 anos e turmas do 1º, 2º, 3º 4º e 5º anos do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Privada, localizada na sede do município de Castanhal, estado do Pará, com foco em questões como aspecto motor e gênero que foram evidenciadas no processo. Destacamos que, para este relato, centramos nossa atenção para as turmas de Educação Infantil. As aulas eram registradas em diário de Campo, um dos instrumentos utilizado pelas turmas de Educação da Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal e que alimentam o relatório final do componente Estágio Curricular I, ofertado na instituição. Acreditamos ser imprescindível esse tipo de instrumento para que as impressões dos estagiários sejam devidamente registradas, inclusive para o desenvolvimento de trabalhos posteriores como o que está sendo problematizado no Programa Residência Pedagógica do Núcleo Castanhal que tem como enfoque a Alfabetização. A escola da Rede Privada, lócus de nosso trabalho, atua com turmas que vão desde a Educação Infantil até o convênio e as aulas de Educação Física eram realizadas, na maioria das vezes, em uma quadra coberta e as de ballet dentro de uma sala com espelhos. As duas atividades, oferecidas para turmas da Educação Infantil e Ensino Fundamental, ocorriam nos mesmos horários para as diferentes turmas. As análises sobre as vivências motoras dos/as alunos/as foram feitas junto com o professor de Educação Física da escola, em forma de roda de conversa ao final das aulas e a comparação entre as alunas que fazem ballet e os que fazem as demais aulas de Educação Física foi feita em forma de observação e algumas intervenções relacionadas ao Estágio Supervisionado I, onde nos propiciávamos da regência nas aulas de Educação Física dentro de quadra em conversa e, principalmente, em dia de eventos promovidos pela escola, como jogos escolares, outubro rosa, dia das crianças.



As análises feitas das observações registradas foram ampliadas com os estudos, palestras e debates que aconteceram no Programa Residência Pedagógica no momento em que temas como Educação Infantil, Base Nacional Comum Curricular, inclusão, gênero, alfabetização, entre outros foram aprofundados. Acreditamos que esses estudos propiciaram melhor apreensão acerca dos objetos tratados neste relato.

Resultados

A temática explicitada anteriormente que teve origem no Estágio Curricular I – Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental – e que se desdobrou durante as formações do Programa Residência Pedagógica a partir de palestras, debates e estudos de temas diversos, ganhou para os autores deste relato grande importância por se tratar de um conteúdo tão caro e que tem sido negligenciado nas aulas de Educação Física. Pretendemos destacar neste relato, considerando a dança, especificamente o ballet, aspectos que norteiam as aulas e que podem e devem ser problematizados, tais como: repertório motor e questões de gênero. Antes, cabe ressaltar que a dança, segundo Soares *et. al.* (1992), possibilita para o/a discente a vivência de formas expressivas e habilidades corporais a partir do treinamento, talvez esse seja o aspecto mais complexo do ensino da dança na escola, porém não se pode ensinar gestos e movimentos técnicos, prejudicando a expressão espontânea, ou de imprimir no/a aluno/a um determinado pensamento/sentido/intuitivo da dança para favorecer o surgimento da expressão espontânea, abandonando a formação técnica necessária à expressão certa. Acreditamos que os conteúdos propostos nas aulas, além de focar nos aspectos técnicos, históricos, políticos e sociais,



podem e devem evidenciar questões que margeiam o fazer pedagógico, mesmo se tratando de aulas para turmas de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. É a partir desse olhar que vamos encaminhar nosso relato, ou seja, questões importantes que passam pelo debate de organização e aplicação do conteúdo dança/ballet para as turmas que incidem, em questões de gênero e, conseqüentemente, em desenvolvimento motor. Um dos aspectos que nos chamou a atenção foi o fato de haver uma organização das aulas onde se separava meninas e meninos, ou seja, o conteúdo dança/ballet era aplicado somente para meninas e no formato de “escolinha de dança” e os demais conteúdos eram trabalhados em aulas de curriculares “normais” para os meninos. Esta organização que ainda acontece nos dias atuais foi, de certa forma, muito debatida na primeira metade do século vinte, momento em que as turmas eram divididas por sexo e que mais tarde com o debate em torno da coeducação, esta prática foi minimizada. Mesmo assim, a Educação Física, enquanto disciplina escolar, ainda hoje tem como prática essa divisão. Para Ayoub (2001), desde muito cedo as crianças vão aprendendo que conteúdos como a dança é coisa de menina e outros, como a luta, é coisa de menino, reforçando estereótipos em relação às práticas corporais e aos diferentes papéis sociais desempenhados por meninas e meninos. Essas condutas têm, ainda hoje, orientado, sobretudo, professores e professoras de Educação Física a organizar turmas separadas por sexo/gênero. É importante sempre compreender a diferença dos termos gênero e sexo. O sexo “se refere às características genéticas e biológicas de uma pessoa, que determinam se ela é do sexo masculino ou feminino” (DEVIDE, 2005 apud JAEGUER, 2006, p. 201). Por sua vez, gênero “é [...] a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as dife-



renças sexuais dos corpos são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico” (CONNEL, 1995 apud ALTMANN, 1998, p. 8), ou seja, enquanto um parte de atributos construídos geneticamente, o outro se faz parte de a partir de um processo de construção social e cultural. Sendo assim, podemos considerar que essa forma de organizar as aulas, dividindo meninas para um lado e meninos para outro, inviabiliza experiências motoras mais diversas, considerando as diferentes capacidades físicas apresentadas por esse segmento em sua totalidade, deixando de serem compartilhadas e, conseqüentemente, enriquecidas, ao contrário que muitos pensam ao trabalhar padrões motores a partir da posição demarcada pelo sexo, ou até mesmo gênero. Segundo Haywood; Getchell (2004, p. 37), “fatores individuais, ambientais e da tarefa são os responsáveis por dar origem a um comportamento de movimento particular”. Neste sentido, Gallahue e Ozmun (2003), também destacam que os incentivos e oportunidades de prática, além do encorajamento e de uma boa instrução em local apropriado, contribuem para a aquisição e aprendizagem motoras, considerando que o processo de desenvolvimento motor não é rígido, podendo ser mais rápido ou lento para algumas pessoas, o que se contrapõe à ideia de privilegiar as aulas tendo como parâmetro a posição pautada pelo sexo ou gênero. Assim, acreditamos ser importante planejar aulas que valorizem as diversas experiências do grupo em favor das melhorias das capacidades motoras e o desenvolvimento das crianças de maneira integral. Parte-se do entendimento de que o desenvolvimento motor se inicia desde os primeiros meses de vida e através das interações com o meio, objetos, ambiente, diversidade de sexo e gênero que a criança se desenvolve. Através dessas perspectivas acreditamos que as aulas de ballet e de outros



conteúdos ofertados nas aulas de Educação Física **sejam em horários diferentes e que todos os/as** discentes possam vivenciar as duas possibilidades pedagógicas. As crianças naturalmente realizam diversas atividades motoras, como correr, saltar, pular, arremessar, entre outras, sendo estas designadas habilidades motoras fundamentais e são fundamentais, estando presentes em uma variedade de movimentos corporais como as brincadeiras, os jogos e os esportes (GALLAHUE; OZMUN, 2003). Por outro lado, a dança, segundo Laban (1990), em geral tem como objetivo, na educação, ajudar o ser humano a ter uma relação corporal com a totalidade da existência, por isso, na escola, não podemos focar na execução perfeita, mas sim focar nas possibilidades de conhecimentos que a atividade criativa da dança traz ao estudante. O ballet faz parte do conteúdo dança, entretanto quando se é repassado de forma que visa a execução perfeita foge do objetivo central do conteúdo (quando pensado na escola) e, também, das possibilidades de experiências motoras, quando oferecido apenas ao público feminino. Entendemos que a infância se caracteriza pelo aprimoramento do comportamento motor que se reflete pela ampla aquisição de vastas habilidades motoras, que possibilita a criança um domínio do seu corpo em diferentes posturas, como locomover-se pelo meio ambiente de variadas formas: andar, correr, saltar e manipular objetos entre outros (SANTOS, DANTAS, OLIVEIRA, 2004). Abordar algumas dessas capacidades na iniciação da aprendizagem pode contribuir com o desenvolvimento de expressões físicas e cognitivas e, portanto, e na contramão deste entendimento, o ensino aprendizagem isolado e específico sem a ampliação desse leque motor pode não ser suficiente para o aprimoramento dessas capacidades. Para Silva (2010), a Educação Infantil é um universo amplo,



que somente a aprendizagem motora não é o suficiente para as melhorias físicas e mentais. As modificações que ocorrem ao longo da vida se baseiam nas atividades que o indivíduo conduz. Após as observações, conversas e anotações acerca da temática e aprofundas através dos estudos no programa Residência Pedagógica que os alunos que eram submetidos nas aulas de Educação Física têm capacidades físicas como saltar, correr, arremessar, girar, além de serem mais ágeis, por outro lado as crianças que eram submetidas as aulas de ballet tinham a flexibilidade maior. A forma de mensuração para tal achado era feita nas observações, conversa e conclusões entre os discentes nos estagiários e relatos apresentados pelo professor de Educação Física da escola. Nas experiências discutidas e principalmente vivenciadas verificamos as diferenças entre as aulas de Educação Física e as aulas de ballet e suas diferenças no aprendizado das capacidades motoras ocorridas no período do estágio supervisionado I. Ficou evidenciado que as crianças tem, ou deveriam ter, duas possibilidades que são de suma importância para seu desenvolvimento motor e melhora das capacidades físicas, porém, essas aulas separadas por gênero e em horários similares acabam limitando o ensino aprendizagem das aulas e diminuindo esse repertório. Concordamos com Guimarães e Simas (2001), ao afirmar que a beleza corporal, a visão, a precisão, a coordenação a flexibilidade, a tenacidade constitui a essência do ballet, sendo que o trabalho específico da dança altera a amplitude dos movimentos articulares. O aprimoramento e desenvolvimento das habilidades motoras, vem através do conhecimento que as crianças vão adquirindo durante o tempo. De acordo com Manoel (1994) o esporte permite aos indivíduos no estágio transitório melhorarem suas habilidades motoras.



Conclusão

A riqueza de conteúdos do campo da Educação Física que podem ser proporcionados a estudantes nas escolas é inegável, no entanto, ainda se observa uma certa negligência e seletividade nessa oferta.

Ainda temos práticas excludentes que inviabilizam e dificultam experiências diversas e ricas em possibilidades motoras e outras que poderiam potencializar o repertório de formação de crianças da Educação Infantil, como as relações pedagógicas entre gênero e sexo, por exemplo. Assim, é de suma importância considerar as experiências entre esses padrões e, conseqüentemente, o desenvolvimento motor das crianças, podem ser campo fértil para a formação de sujeitos capazes de atuar de forma mais humana nos espaços sociais em que vivem.

Professores, professoras, e todo/as os/as atores que compõem a escola tem papel fundamental na construção de projetos pedagógicos que possam garantir práticas coletivas e interdisciplinares que privilegiem conteúdos significativos que atendam as expectativas culturais, sociais e políticos dos sujeitos envolvidos.

Certamente que conteúdos como dança/ballet, jogos, brincadeiras, esportes, lutas, entre outros, tem papel fundamental na formação de meninos e meninas das diferentes classes sociais e culturais, independe de gênero, sexo, entre outros.

Palavras chaves

Estágio curricular. Residência Pedagógica. Educação Física. Desenvolvimento motor. Gênero.



Referências

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

AYOUB, E. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl.4, p.53-60, 2001.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 2. ed. **São Paulo**: Phorte Editora Ltda. 2003.

GUIMARÃES, A. C. A.; SIMAS, J. P. N. **Lesões no ballet clássico**. *Revista da Educação Física /UEM*, v.12, p. 89-96, 2001.

HAYWOOD, Katheen M.; GETCHELL, Nancy. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. Trad. Ricardo Pertersen Jr. e Fernando de Sirqueira Rodrigues. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2004.

JAEGUER, Angelita Alice. Gênero, mulheres e esporte. In: *Rev. Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 119-210, jan./abr. 2006.

LABAN, R.V. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: ícone, 1990

MARQUES, A. dançando na escola. **Matriz revista de educação física**. Rio Claro. UNESP, 1997, vol3, n. 1. P. 20-27.

MANOEL, E. de J. Desenvolvimento motor: Implicações para a educação física escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, n. 8, v.1, p. 82-87, 1994.



SILVA, C. M. M. Diferenças motoras em crianças desportivas e crianças somente praticantes de educação física escolar. **Revista Espaço Acadêmico**. Nº 105, fev. 2010.

SANTOS, S; DANTAS, L.; OLIVEIRA, J A. Desenvolvimento motor de crianças, idosos e de pessoas com transtornos na coordenação. **Revista paulista de educação física**, são Paulo, v.18, ago. 2004.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, N. I. S; (Org.). **Coordenação motora em escolares: Relação com a idade, gênero, estado nutricional e instituição de ensino**. Biomotriz, 2014.